

A FOLIA NO TERREIRO DE SEU MANÉ PACARU: JÁ COMEÇOU FAZ TEMPO!

Por amilton de azevedo¹

Enquanto as pessoas se aproximavam da empanada² montada no Pátio do Museu, espaço que integra o Circuito Cultural Central de São José dos Campos e que recebeu uma série de apresentações da programação do 37º Festivale, Danilo Cavalcante interagia com o público e, em especial, com transeuntes. O mamulengueiro nascido em Canhotinho, no agreste pernambucano, criou o Mamulengo da Folia (Jacareí/SP) em 2005 e, desde então, “não parou mais de circular com a sua barraca de bonecos”³. *A Folia no Terreiro de seu Mané Pacaru* estreou em 2007 e segue rodando o país.

A experiência de Cavalcante faz dele um brincante dos mais espertos e safos. Antes de ocultar-se para dar a ver a *Folia* do mamulengo, entre os comentários feitos sobre e para quem passava pela rua, conversando com si próprio, perguntou e respondeu quando que a obra iria começar: “ih, já começou faz tempo!”. Esse movimento de chegada e de aproximação entre artista e espectadores é parte fundamental das teatralidades populares, em especial daquelas que acontecem em espaços públicos.

Nessa ação de perceber, de olhar de fato para quem está ali, Cavalcante também já observa pessoas que incluirá na narrativa quando estiver atrás da empanada. Acompanham o brincante o trio de músicos (Erasmio José, Sabino do Pandeiro e José Limeira; a ficha técnica aponta para a criação musical realizada pelo Trio Agrestino) que, mais do que apenas tocar seus instrumentos – sanfona, triângulo e zabumba –

¹ amilton de azevedo é crítico e professor de teatro. Doutorando em Artes Cênicas na ECA-USP e mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Criou a plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>) em 2017, onde publica regularmente textos sobre teatro. É membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro).

² Um dos nomes dados ao palco que oculta a(s) pessoa(s) que manipulam os bonecos e onde a ação do Mamulengo acontece.

³ Frase presente no site do Mamulengo da Folia (<https://www.mamulengodafolia.com.br/>).

são simultaneamente escadas, antagonistas e agitadores de público nesta *Folia no Terreiro*. José, Sabino e Limeira jogam junto de Cavalcante, sendo construtores das cenas e das passagens, fazendo da trilha sonora uma camada fundamental para a narrativa. Em diálogo direto com o trio, o mamulengueiro repete para o sanfoneiro durante toda a obra: “arrocha o fole!”. Seu pedido é sempre atendido com precisão e entusiasmo.

O mamulengo, cuja origem do nome pode estar ligada à ideia de “mão molenga”, necessária para a manipulação dos bonecos, é definido pelo *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Câmara Cascudo como “espécie de divertimento popular em Pernambuco”, que “consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma coisa elevado”. As histórias contadas, segundo Cascudo, trazem como assunto “cenas bíblicas e de atualidade”; conforme comentado por Cavalcante, a origem do teatro de mamulengo no Brasil está associada a Igreja Católica e à catequização, mas com o tempo “foi ficando safado” – inclusive, ao revelar sua organização por detrás da empanada, o brincante mostrou que o padre está “do lado do mal” em seu varal de bonecos.

Cascudo aponta que “o povo aplaude e se deleita com essa distração” e sem dúvidas foi isso o que se verificou na apresentação dentro do 37º Festivale. Apesar do som estar demasiado alto, incomodando alguns ouvidos de crianças próximas das caixas de som, a aderência do público foi imensa. Em *A Folia no Terreiro de seu Mané Pacaru* não se vê “cenas bíblicas” e pode-se pensar em torno dos assuntos que seriam “de atualidade”. Cavalcante cria uma narrativa de *passagens* quase independentes, onde a interação das personagens se dá a cada cena, em relações de conflitos e enamoramentos. O Mamulengo da Folia traz bonecos tradicionais – como o vaqueiro Benedito, o diabo, o padre, o delegado, o boi; geralmente ligados à atravessamentos sociais, da natureza ou religiosos – e também se permite brincar com outras representações.

Neste desfile de figuras característico do mamulengo, a técnica de Cavalcante se faz perceber na modulação das vozes e dos movimentos presentes em cada manipulação – e o artista brinca com o fato de ser um só bonequeiro a conduzir a ação: “por que é que tu não cantou junto comigo?” “Por que tu só tem uma voz pra dois bonecos”. Ao mesmo tempo, não se trata de um trabalho de virtuose; muito pelo contrário: nessa lida entre engajar-se no ato de contar e constantemente lembrar o

público da teatralidade do que é visto, a brincadeira se efetiva como “um teatro de enorme poder sobre quem assiste”, conforme apontou o crítico Kil Abreu a respeito deste mesmo trabalho quando apresentado no VII Festac⁴.

Ciente deste poder e atento às mudanças dos tempos, Cavalcante compreende que, mesmo lidando com a tradição, não se deve pensar que o mamulengo deve carregar formas cristalizadas; conforme apontou no bate-papo, “muita coisa muda no humor, as piadas têm que ser renovadas”. Comentários sobre consentimento, por exemplo, surgem de maneira sutil como desdobramentos de uma preocupação com debates importantes nos dias de hoje. Além disso, conforme aponta o artigo *Mudança e permanência no boneco popular*, de André Carrico⁵, “como forma de adequação de sua arte aos paradigmas da atualidade, Cavalcanti altera o *ethos* de seus títeres”. Ou seja, não é porque um boneco tradicional sempre foi representado de determinada maneira que ele deve permanecer sendo representado de tal modo.

Lançando mão de diferentes técnicas de manipulação, com bonecos de luva e de haste, além de pequenos e elaborados “truques” (da figura que urina à que coloca a língua para fora), Cavalcante brinca esse teatro que, em suas *passagens* de figuras reconhecíveis no imaginário popular, conta de folias improváveis entre animais, enamorados, representações do poder e até mesmo o diabo, fazendo de praças espaços de riso e festa. Não é só a encenação de *A Folia no Terreiro de seu Mané Pacaru* que “já começou faz tempo”: a fala do brincante ecoa a própria história do mamulengo e das tradições da cultura popular brasileira, territórios de encontro e comunhão que são das bases deste país.

⁴ Crítica disponível em <<https://teatrojornal.com.br/2015/03/teatralidade-e-jogo-no-universo-mamulengueiro/>>.

⁵ Disponível em <<https://doi.org/10.5965/2595034701152016099>>.